

Este fotolivro é o resultado do trabalho de conclusão de curso dos pesquisadores Amanda Rocha, Andrey Franco, Camila Rocha e Fernanda Lupion orientados por Maria Luísa Hoffmann e Roberto Aparecido Mancuzo da Silva Junior, na faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). O objetivo desta obra é ilustrar a situação de vida de quem escolheu ou foi levado a morar nas ruas em Presidente Prudente. De 12 perfilatos que compõem o livro, cada integrante deste trabalho escolheu três para fotografar e contar a história formando um capítulo por personagem.

Presidente Prudente
2017

EU NÃO SOU DA SUA RUA

EU NÃO SOU DA SUA RUA

Esta obra é peça prática do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Eu Não Sou Da Sua Rua: O Registro em Texto e Fotografia de Moradores de Rua em Presidente Prudente”, da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp) da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste)

TEXTOS

Amanda Rocha
Andrey Franco
Camila Rocha
Fernanda Lupion

EDIÇÃO/ FOTOGRAFIA ENTREVISTAS E PRODUÇÃO

Amanda Rocha
Andrey Franco
Camila Rocha
Fernanda Lupion

ORIENTAÇÃO

Maria Luísa Hoffmann
Roberto Mancuzo

DIAGRAMAÇÃO

Andrey Franco



Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente -SP
apresenta

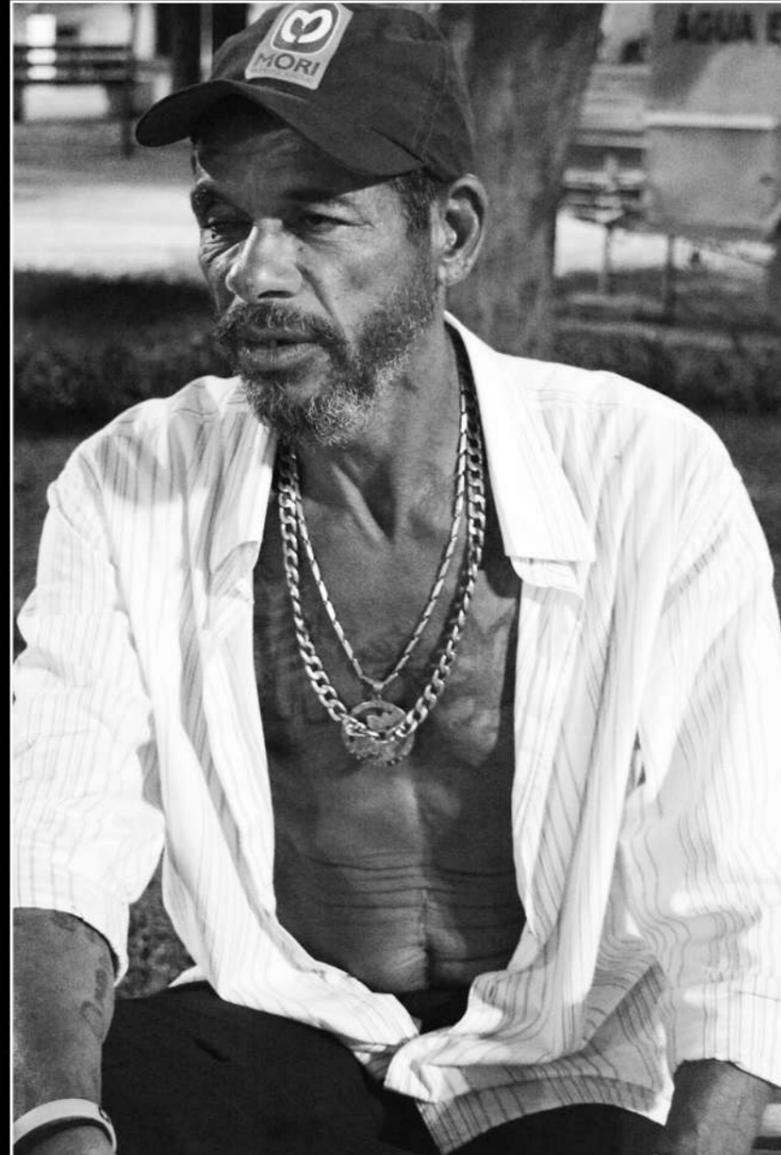
EU NÃO SOU DA SUA RUA

Amanda Rocha
Andrey Franco
Camila Rocha
Fernanda Lupion



O VAQUEIRO E A
CIDADE DE DOIS NOMES

por Andrey Franco



Da terra do pão de queijo e da cachaça, do queijo com goiabada, das cachoeiras e dos belos horizontes, vem o mineiro com sotaque caipira, o boiadeiro de um só olho que deixou seu lar por um amor duvidoso.

Esse é Eurides Antônio ou apenas Mineiro, que se diz o morador de rua mais antigo da praça no centro de Presidente Prudente. Talvez as marcas em seu corpo possam confirmar isso, como sua chamativa cicatriz na barriga, seu rosto de quase seis décadas desgastado pelo tempo, quem sabe até as tatuagens esverdeadas, escurecidas pelo sol e enrugadas pela idade, e até um olho, branco e cortado, indicando a falta de visão.

Nada disso importa. Mineiro foi o sonhador que sonhou errado. “Eu tinha terras, família, dinheiro e paz lá em Minas. Só que o gosto pelo que era errado me fez conhecer as drogas, o tráfico, o roubo, até estelionatário eu já fui. Acabei conhecendo a cadeia.”

Atrás das grades ganhou marcas de seus companheiros. A primeira foi no braço direito com a frase “eu mato por prazer”, que segundo ele foi apenas uma loucura feita em um momento que a cocaína o controlava. Será? Outras marcas foram deixadas por todo corpo, nomes de paixões proibidas que o afastavam cada vez mais da família.

Deixando o presídio, o ímpeto em busca dessas paixões o fez acompanhar a doce e envolvente sedução de uma jovem que o trouxe para a “estranha cidade de dois nomes”, de acordo com o próprio homem.

Chegando nessas novas terras, Mineiro entendeu o próprio erro. Logo de cara percebeu que aquele amor não valia a pena, foi abandonado três meses depois de sua chegada por uma crise de ciúmes. O vaqueiro estava agora longe da família, com a chance de voltar, mas impedido pelo orgulho.

A saída foi se entrelaçar com o quente beijo do álcool e o frio abraço das ruas, mas o fraco por amores complicados ainda o abalava. Conheceu seu novo amor que prefere não lembrar mais do nome. Um amor que também deixou marcas em seu corpo, mas que não eram marcas de tinta.

Durante uma discussão com sua amada a razão foi deixada de lado, os ânimos começaram a se alterar e a fúria tomou conta. Mineiro sentiu o corte frio do aço de uma tesoura rasgando seu abdômen, uma evidente marca de mais ou menos 15 centímetros foi deixada ali para provar, um amor perigoso quase mortal, mas ainda sim um amor segundo o velho.

A última marca foi deixada durante uma tentativa heróica de proteger sua amada. “Ela se envolveu em uma briga com um cara por causa de drogas. Ele ia bater nela, eu entrei na frente. Só que eu estava bêbado, não consegui lutar com ele. Levei uma tijolada no rosto e perdi a visão do olho direito, achei que fosse morrer naquela hora”. É provável que esse foi o momento no qual sacramentou em sua mente o motivo de ter saído de casa.

Para o próprio homem que pensava que seu amor eram as mulheres, ou as drogas, a surpresa veio mais tarde. O apreço pela liberdade foi entendido quando percebeu que aquilo não passava de opções. Todos os rumos, certos e errados até então, eram apenas escolhas que o velho tinha tomado.

O seu grande amor, apesar de duvidoso era a liberdade, a alternativa de estar ali da forma que achasse melhor. Entretanto, esse amor trouxe a Mineiro consequências catastróficas e irreparáveis. A fome, o frio, o fedor, os perigos da rua, as doenças e falta de família, que o orgulho o impede até hoje de voltar. Mesmo quando procurado por parentes, o medo ou quem sabe até a vergonha o limitam de regressar.

Porém, para Euride enxergar na liberdade a oportunidade de estar com os amigos, bebendo umas e fumando outras, já é mais que o suficiente. “A minha vida já está realizada. Sonhos? Para que? Eu já tenho tudo que desejo.” Aliás, trabalhar para que? O velho mineiro, de corpo esguio de fome, camisa larga e aberta, anéis extravagantes nos dedos mais lembrando um sujo pirata britânico do século XVI, malandro que é, jura que já trabalhou demais na roça, agora em sua vida chegou a hora de descansar.

A vadiagem chega a ser poética, o mineiro que tem fama de come quieto mais parece com o vulgarizado bahiano preguiçoso, que dorme o dia todo na rede de pano. Talvez por opção esse seja o destino desse homem, talvez a cidade de dois nomes o tenha acolhido, talvez esse mineiro ainda seja um porta-voz da palavra do Senhor, como ele mesmo profetiza, semelhante aos que admira sentado ali na praça observando os cultos evangelizadores.

A única certeza é que de um mineiro às avessas, que resolveu arriscar, ficou apenas o gosto pela cachaça. O amor acabou e sua busca por algo proibido também. Hoje as drogas são suas parceiras e a vida na rua se resume a escolha que resolveu tomar.

A black and white close-up photograph of a woman's face, looking upwards and to the right. Her hair is pulled back, and she has a contemplative expression. The background is bright and out of focus, creating a bokeh effect.

COMO VOCÊ ENFRENTA
SEUS MEDOS?

por Camila Rocha



Rosemeire, conhecida nas ruas de Presidente Prudente (SP) como Rose, encontrou nas bebidas, a coragem para enfrentar um “demônio” dentro de sua casa. Há 13 anos, ela descobriu sua força em garrafas de 500ml, que lhe custavam menos de R\$ 5,00. Este era o preço para suportar o “inferno” conjugal, que perdurou por 26 anos.

Diferentemente de muitos, a moradora de rua, de pele negra e com marcas que revelam as experiências do passado, corpo franzino e olhar reprimido, não encontra na bebida o prazer de viver. Hoje, se considera alcoólatra, e ainda carrega em seu corpo outra doença procedente do seu antigo relacionamento, o vírus HIV.

Rose se diz valente, mas sua aparência não revela o mesmo. Afinal, foram anos sendo humilhada, e agredida. “Ele já me agrediu com fio de caibro durante 40 minutos até que eu desmaiasse.” Por várias vezes, buscou refúgio nas pessoas mais próximas, mas tinha consciência de que o fim do sofrimento dependia apenas de si.

Na maioria dos dias, seu desejo era de não ir para casa, mesmo depois de um dia de trabalho duro, no sol, na função de catadora de papelão. Para ela, foi difícil tomar uma decisão mais dura, já que o sustento de nove filhos estava em suas mãos.

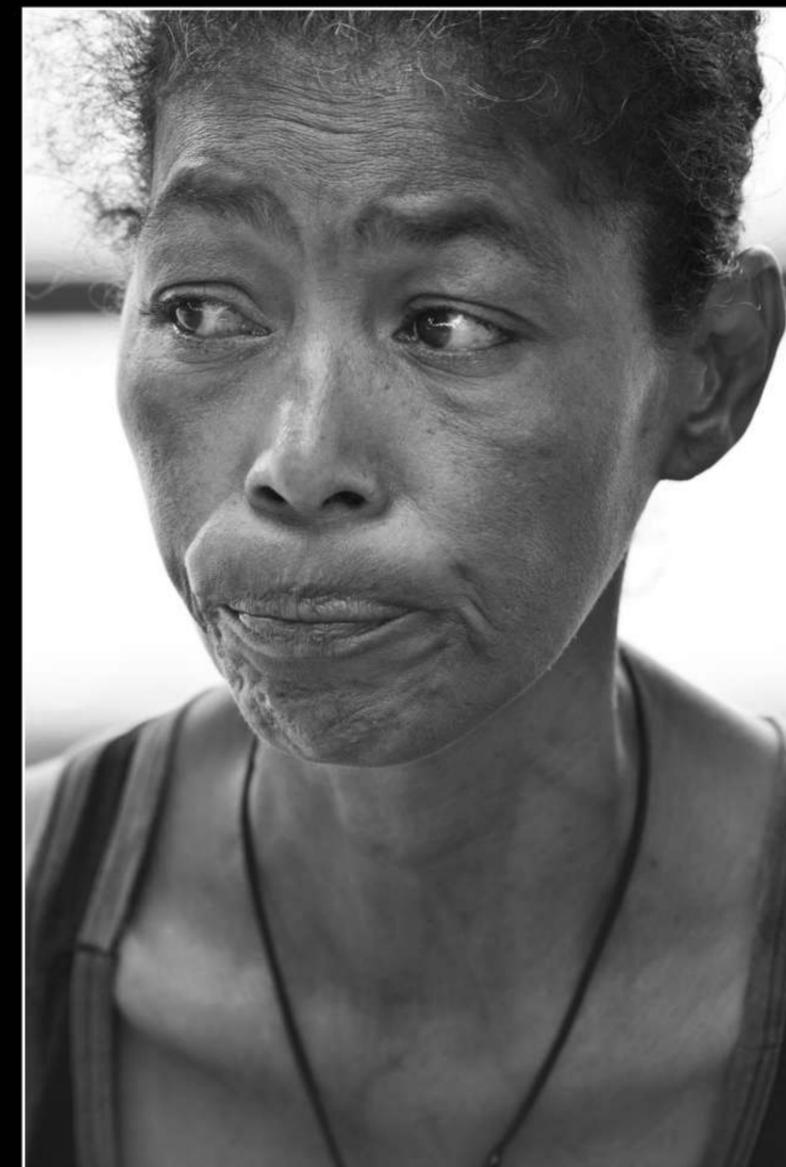
Em 2009, Rose acatou a súplica do filho mais velho e saiu de casa. O destino: as ruas cheias de incertezas e medo. “Eu tive coragem de enfrentar aquele homem e ir embora de casa. Aí perdi a casa, porque fugi de um sujeito que me batia, maltratava meus filhos. Me liberei daquele demônio, agora eu falo para todas as mulheres, fujam enquanto é tempo. O Thiago é meu filho mais velho e tem 25 anos, por isso falo muito dele, afinal foi ele que acompanhou de perto essa nossa vida sofrida.”

Seu primogênito é o único que convive com ela atualmente. Os outros oito filhos foram acolhidos pelo Conselho Tutelar, e a última notícia que teve do ex-marido é de que ele havia falecido devido ao uso excessivo de drogas.

Além de Thiago, Rose encontrou um outro protetor. Foi nas ruas que conheceu Luiz, com quem convive há sete anos. “Hoje, eu tenho outro marido, melhor homem desse mundo. Olha lá ele vendendo bala no sinaleiro. Vocês querem um papo reto? Esse homem caiu do céu, me respeita e me ama de verdade.”

Os episódios de violência doméstica foram determinantes para marcar a vida desta mulher e ofuscar seus sonhos. Há muitas outras “Roses” espalhadas por aí. Mais de 2.660 casos de lesão corporal foram registrados pela Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo (SSP), só na região de Prudente.

Hoje, Rosimeire Aparecida Marques decidiu não mais ser refém do medo “Agora eu coloco ordem, não quero nenhum homem mandando em mim.”





AMOR À PRIMEIRA VISTA

por Camila Rocha



Enquanto o sol se punha na Praça Nove de Julho em Presidente Prudente, Jerry aproveita para fazer sua parada rotineira em frente à fonte, ao lado de Thereza, sua companheira há seis anos. Ela parece não se incomodar com a nuvem de fumaça formada. Jerry está fumando crack pela segunda vez no dia.

Entre os dedos segura um cachimbo. Das pessoas que passam pelo local, recebe um olhar desprezível, mas a sensação transmita por Jerry é de puro prazer.

O fato de ser filho adotivo nunca foi um problema para o morador de rua. A mãe funcionária pública e o pai serralheiro, batalharam para dar uma educação de qualidade ao filho afetivo.

Até os 14 anos, Jerry diz ter levado uma vida exemplar: boletim escolar em destaque e as atividades domésticas sempre em dia, porém, a amizade com um traficante fez mudar o rumo da sua história. A influência do novo amigo levou ao primeiro contato com as drogas. "Eu achei uma delícia, amor à primeira vista."

O relacionamento com as drogas estava longe de ser uma paixão passageira e a dependência ganhava força a cada tragada. Jerry ainda tentou levar uma vida "normal". Casou, teve um filho e registros na carteira, em especial na função de radialista. Por mais de um ano comandou as paradas de sucesso no programa Alvorada Sertaneja, da rádio Comercial, e se fez conhecido pela voz marcante.

Mas para ele, não há nada que cause mais remorso quanto ao lembrar do nascimento de seu filho. "Quando meu menino nasceu, ao invés de fazer uma festa com bolo e coca-cola, chamei um monte de traficante e fomos jogar tiro para o alto na frente do hospital. Doí demais saber que não fui um pai presente."

Não demorou muito para que o vício de Jerry arruinasse seu primeiro casamento e a carreira de radialista. Soropositivo e dependente químico, o morador de rua encara há mais de 20 anos, essas faces do preconceito.

Quando a discriminação parte de alguém da própria família o sentimento é muito mais doloroso. Jerry guarda na sua memória o tradicional almoço em família no domingo de 1997, após a refeição sua tia ordenou que recolhesse os copos e talheres, a fim de que o vírus HIV não fosse transmitido.

O ex-radialista de aparência cansada e lábios escuros, antes acostumado a narrar alegria no rádio, hoje narra a tristeza que é viver nas ruas "A droga me tomou tudo, tudo mesmo. Agora sou um homem sem identidade e sem endereço."

A presente história de Jerry é bem diferente da que seus pais sonharam enquanto ele não passava de uma simples criança inocente.



O VALOR DE UM
VERDADEIRO AMOR

por Amanda Rocha



Abandonado pelo pai, deixado na casa de conhecidos pela mãe, Daniel Tales Ventura entrou no mundo das drogas quando conheceu umas das mais antigas substâncias químicas, a tal cola de sapateiro. Com os amigos de escola, matava aula na linha do trem da cidade de Presidente Prudente, lá o passatempo dos meninos causava sensações eufóricas e perturbações.

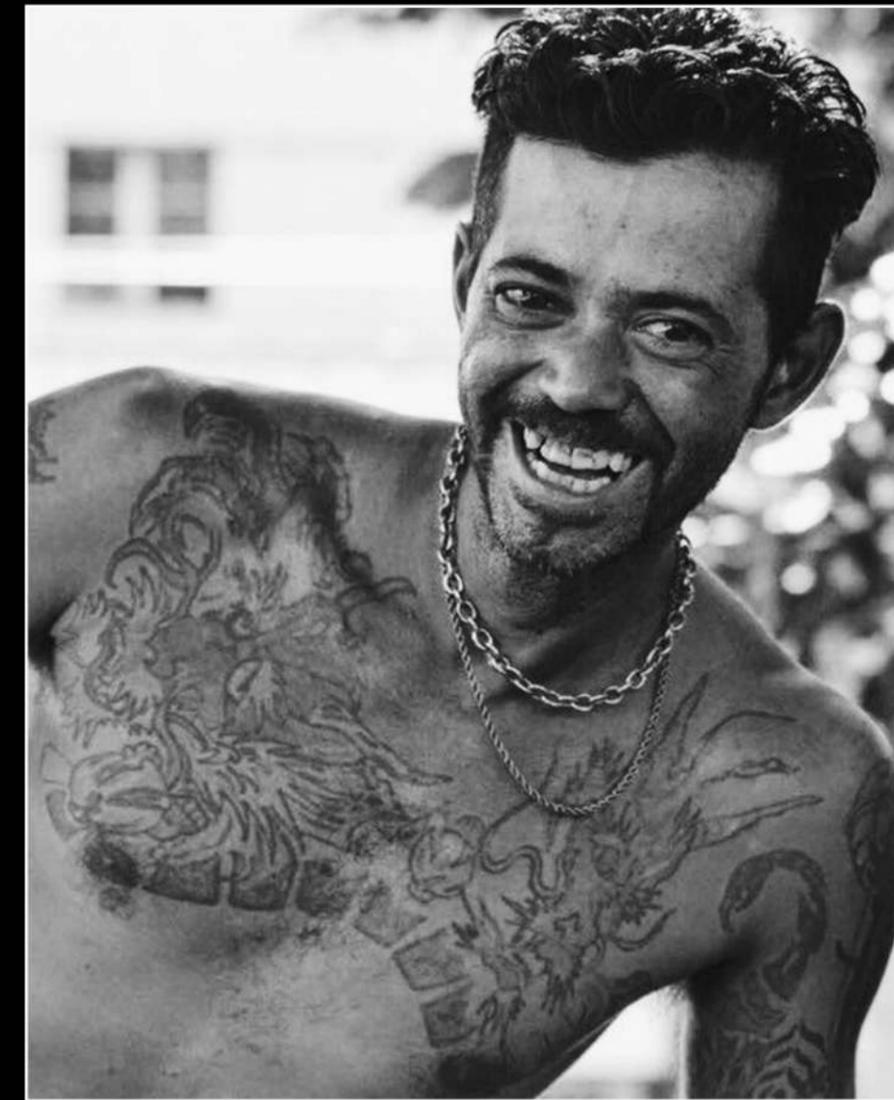
Até os oito anos viveu na casa de uma família que o obrigava a fazer serviços domésticos. Durante esse período sua mãe viveu como garota de programa e ao conseguir se estabilizar teve a oportunidade de criar o filho que já tinha alguns vícios acumulados. “Eu não sabia quem era meu pai e de repente minha mãe surgiu dizendo que havia voltado para me buscar. Imagina como a cabeça de uma criança que já não tinha muito juízo ficou.”

Assim como na história de Daniel, seus três irmãos também cresceram sem a figura paterna. Sendo o irmão mais velho, foi obrigado a largar a escola e ajudar sua mãe. O menino trabalhou como pedreiro, eletricitista e chegou a ter um pequeno um estúdio de tatuagens. Com o dinheiro que conseguia sustentava seus vícios. “Sempre trabalhei, nunca precisei roubar ou tirar algum objeto do meu barraco para comprar minha pedra.”

Na adolescência só teve um amor e foi com ela que passou boa parte de sua vida. Junto de sua mulher usava o crack e também bebia. Quando o único filho do casal chegou, sua esposa que até então se identificava com os mesmos vícios, abandonou as drogas e passou a viver uma vida fervorosa dentro das igrejas Universais. “Infelizmente água e óleo não se mistura (sic). Deu certo por muito tempo, mas sabe como é né?”

Além das drogas, o homem de 38 anos era esquizofrênico e contava vantagem ao afirmar ser uma herança de família que só era controlada com remédio tarja preta junto às substâncias químicas que utilizava.

Por diversas vezes mudava o humor, sorria, fechava a cara, e até parecia querer chorar. Suas opiniões não mudavam, mas a forma como era expressada sim. A ideia de viver sem seu vício jamais existiu, se tivesse que escolher entre as drogas ou a família Daniel escolheria deixar a família. Mas abandonar aquilo que dizia ser seu único e verdadeiro amor não seria possível. “Eu sou o que sou porque uso crack, sempre usei, sempre vou usar, antes de ter conhecido amor de mãe, esposa ou filho já havia conhecido isso, não posso parar.”





FELICIDADE DESTILADA

por Fernanda Lupion



O forte odor sentido ao se aproximar era o resultado de seis longos dias sem um único banho. Os olhos cansados retratavam mais uma das noites mal dormidas na calçada daquela praça. A pele que descascava sem sinais de melhoras deixava nítida a condição de vida de Pedro Hilário dos Santos.

O senhor bem-humorado de 50 anos sobrevive com a ajuda das pessoas desconhecidas e com o pouco dinheiro que ganha da reciclagem. “Tem a igreja ali que traz comida aí têm outras pessoas que trazem lanche. Tenho um carrinho que encho com papelão e ao final do dia troco por R\$10,00, mas nem sempre é assim. Às vezes recebo R\$3,00, mal dá para um pão com mortadela aí tenho que beber água da torneira.”

O trabalho árduo começou cedo na vida de Predinho, como gosta de ser chamado. Aos 12 anos, o filho mais velho ajudava no sustento da casa, carpinando terrenos em sua cidade natal, Apucarana (PR), além de trabalhar na roça de café, algodão e trigo.

Fruto de um casamento que não existe mais, Débora filha de Pedro sofre com a permanência do pai nas ruas. “Minha filha me procura e diz para irmos embora. Apesar de me dar bem com ela, prefiro ficar aqui.”

A permanência na ruas tem uma razão: a pinga. O vício com a bebida começou naquilo que Pedro sempre fez tão bem, o trabalho. “Quando comecei a trabalhar de servente de pedreiro, os colegas sempre me chamavam para beber e eu aceitava.”

O morador de rua bebe todos os dias no período da manhã e à tarde, quando consegue dinheiro dos papelões que encontra pela cidade e vende na reciclagem. Além disso quando não consegue os papelões, mexe no lixo para encontrar seu sustento. O que lhe acarretou uma doença de pele que afetou suas mãos gerando feridas e dando um aspecto preocupante.

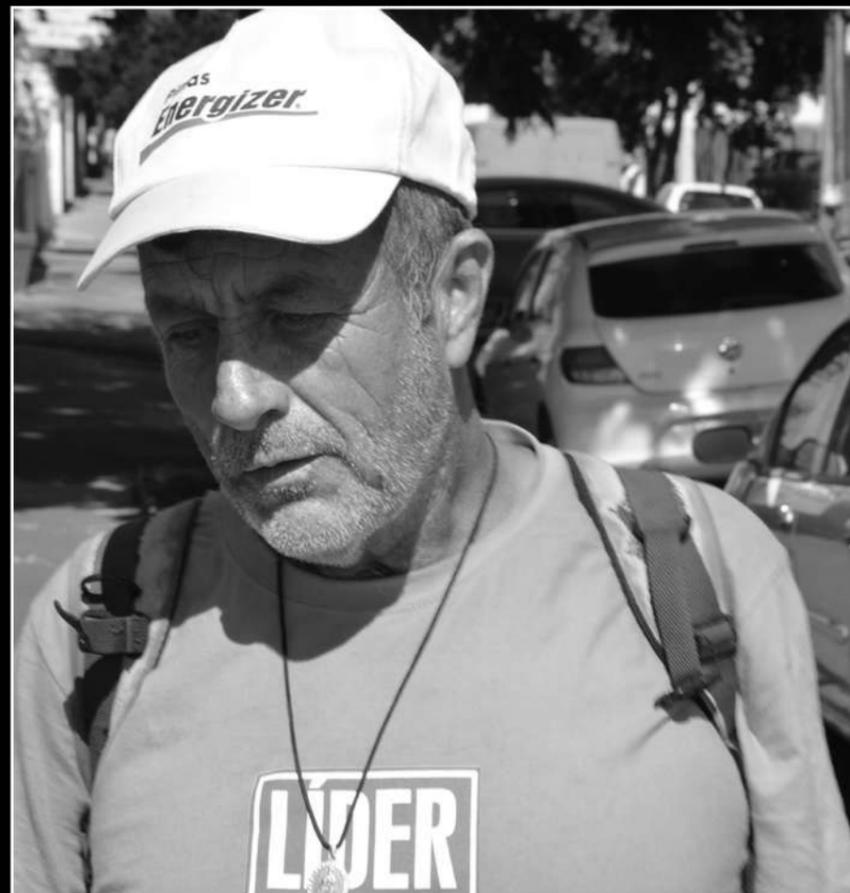
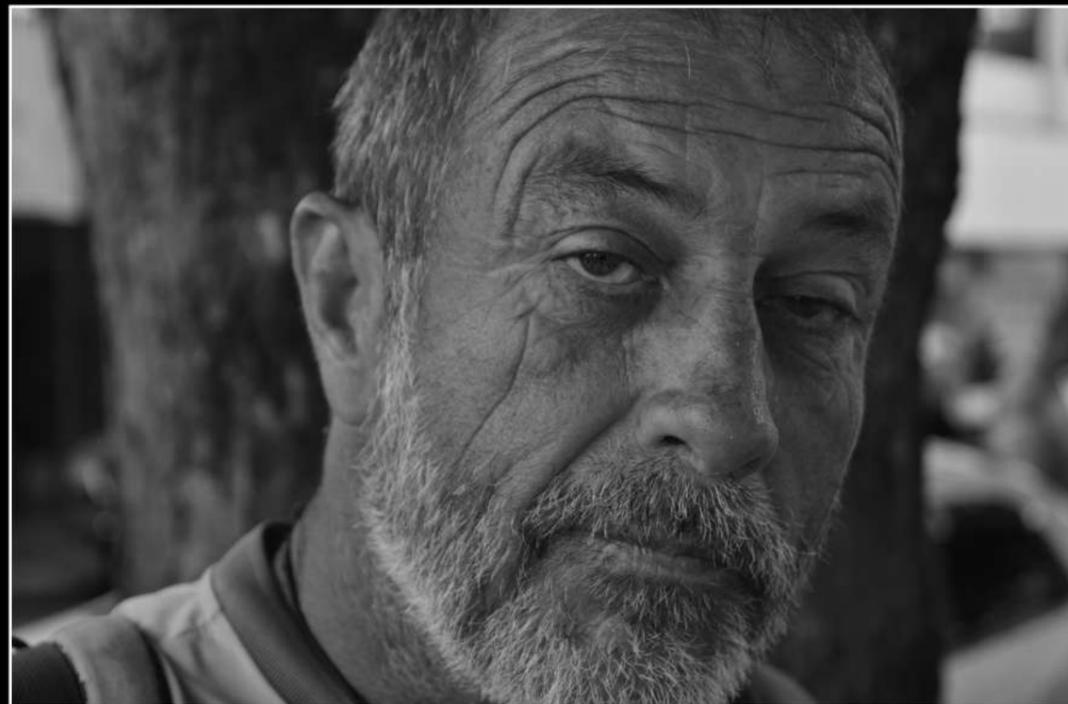
A praça da bandeira é o local de descanso. Ele dorme em cima de alguns papelões sob o ardente sol do meio dia ou sob o brilho das estrelas na noite. “Eu sempre durmo aqui, me sinto a vontade pois conheço bem o local.”

Sem perspectiva para o futuro, Pedro segue vivendo sem rumo, sem dia e sem hora. Os R\$10,00 que ganha diariamente são os únicos que conseguem arrancar o sorriso de seu rosto, por ter a certeza de que a maior felicidade é o momento em que vira o corotinho de pinga sobre sua boca e esquece de tudo o que tem ao seu redor.



OS NOMES DE JÂNIO

por Andrey Franco



A mão direita marcada pelo tempo segura uma bengala de apoio, a esquerda, um rádio a pilhas. Os pés surrados pela rua vestem um chinelo de dedo e caminham a passos lentos. A mochila nas costas carrega algumas tralhas e um lençol para se proteger do frio. O boné branco cobre do sol do rosto de Jânio Ramos de Oliveira, Genão ou simplesmente Véio.

O homem de mais de um nome acabava de sentar em um fino colchão, embaixo de uma figueira, próximo ao centro da cidade. E ali conversava com um dos seus amigos de rua sobre coisas da vida, relembrando seus tempos áureos quando era dono de uma casa noturna lá em Santo Anastácio.

Enquanto equilibrava entre os dedos o seu cachimbo improvisado de crack, explicava sobre o pequeno bar que tivera há muitos anos no qual a ocupação principal era comandar garotas. O empresário da noite, que alcançava seus lucros por meio do sexo e álcool, conheceu neste mesmo tempo aquela que viria a ser sua esposa, uma mulher, tirada da favela.

“Eu vivi mais de 10 anos casado com a minha primeira esposa. Vi meu negócio crescer, dava um dinheiro bom. Até que me deparei com um amor tenebroso: a bebida”. Assim, o pequeno reino de prostituição e drogas começou a ruir quando, segundo Jânio, o álcool se tornou um vício.

O declínio pareceu ainda maior quando Jânio conheceu a maconha e o crack. Foi preso em um cemitério portando alguns quilos da erva e passou anos na jaula. Aquele não era mais o homem empreendedor de anos atrás, o homem que trazia a alegria física e líquida para aqueles sem uma alternativa melhor. Era apenas a sombra que começaria a ganhar outros nomes.

Nessa altura da conversa, a bengala de apoio repousava ao lado do colchão cinza e as duas mãos se ocupavam com o rádio a pilhas, numa tentativa frustrada de fazê-lo funcionar. Seu amigo então tomou o rádio das mãos de Véio, o nome pelo qual era chamado por ali, e começou a mexer na parte de trás do aparelho, tirou um tubo de cola da mochila e fixou algo que estava frouxo. O rádio começou a tocar e Jânio mudava as estações enquanto enfatizava a maior preciosidade que havia aprendido na cadeia: a liberdade.

Após cumprir pena, Jânio poderia recomeçar a vida e arrumar um emprego novo. Entretanto, se viu sozinho. Perdeu a esposa para outra mulher enquanto estava no cárcere e também seus bens em função de dívidas com drogas.

“Minha alternativa era morar de favor na casa da minha irmã. Eu fiz isso por alguns meses, até arrumei trabalho como carpinteiro, mas minha perna começou a dar problema. Acho que foi culpa do vício com a cachaça, bebi demais e ela não funcionava igual antes. Daí eu comecei a usar bengala e tive que abandonar o emprego, não dava para subir mais nos andaimes.”

Talvez, maior que a frustração, era o amor pelo álcool e drogas, onde encontrou refúgio. Abandonou a casa da irmã e abraçou a liberdade e os perigos das ruas. Trouxe consigo apenas a experiência de um homem que viveu a estabilidade e perdeu tudo por uma paixão viciante. Sua sagacidade permitiu conhecer vários amigos de rua, entre eles algumas mulheres, que na necessidade, utilizavam o corpo para conseguir drogas.

Jânio com experiência no ramo começou a administrar aquele mercado, deu um apelido curioso a suas companheiras. “São as minhas sapatinhas, elas não se importam se tem que pegar homem ou mulher, o que vale é o dinheiro para o crack. Só que eu ganhei um apelido também, elas me chamam de Genão. Parece nome de malandro, mas eu gosto.”

Com mão experientes, o negócio novamente se tornou próspero, de acordo com a maneira interpretativa do próprio Jânio. Ali estavam todos os amores dele: as drogas, a liberdade da rua e suas garotas.

As companheiras de Genão compartilham seus ideais de liberdade, estão com ele quase como em uma sintonia bizarra em busca daquilo que os traz felicidade. Para o velho elas são mais que companheiras, sem distinção de nada, até as mais problemáticas são aceitas em seu repertório.

O rádio ainda tocava e agora as mãos de Jânio se ocupavam em abrir um pacote de bolachas de amido de milho. Antes de pegar a primeira ofereceu uma ao amigo, que recusou. Então pegou duas e mordiscou uma pontinha dizendo que aquele era o café da tarde e provavelmente a janta do dia. Porém, sua noite aguardava uma rotina da qual ele gostava ou usava como válvula de escape dos problemas que adquiriu através dos anos de vida.

Para Jânio, Véio ou Genão, estar ao lado de suas companheiras, usando-as como meio de obter drogas era a liberdade que ele merecia, não se importando com o arrependimento pelo vício que o jogou ali, mas desfrutando da única janela de oportunidades que o fazia esquecer dos problemas naquele momento.



O IMPACTO DE UM ABANDONO

por Amanda Rocha



Sentada em um banco coberto com diversas mantas no parque da Praça da Bandeira, Janaina Alessandra Aparecida Silva usa o local como esconderijo e refúgio. Ao seu redor, gangorras e balanços enferrujados, árvores antigas e muito entulho formam o parque praticamente sombrio. Lá, Jana como gosta de ser chamada, vive e sustenta seu vício com o crack.

A ideia de ser abandonada sempre foi um desconforto e um dos motivos para estar na rua. Rejeitada desde o ventre pela mãe, Jana foi criada na casa dos avós em um núcleo familiar extremamente bagunçado. Na infância apanhava por tentar proteger o avô das surras constantes de um tio viciado, a menina cresceu ao lado de drogas com uma grande revolta no peito.

Janaina vive vestida com roupas masculinas e faz questão de dizer que é mais homem do que muitos dizem ser. “Sempre enfrentei o que tivesse que enfrentar, não tenho medo de nada, sou mais homem do que muitos por aí.”

Hoje, a mulher de 30 anos, conta que conheceu as drogas aos 15 anos, quando se envolveu com uma garota de programa, que foi sua companheira por sete anos. Ao lado dela formou família, cuidou das filhas da amada como se fosse um pai. Enquanto a parceira ganhava dinheiro, ficava em casa e bebia. Aos poucos passou de uma droga à outra até chegar ao crack. “No começo a gente sempre acha que controla, mas quando toma conta não tem volta.”

Ao ser deixada pela primeira companheira se revoltou. Sem emprego, passou a roubar para sustentar o vício. Por um tempo deu certo, até que durante uma fuga entrou em uma rua contramão e caiu da moto que conduzia. Desse dia guarda uma extensa cicatriz no queixo e as lembranças de seis anos atrás das grades. “Essa é a marca que carrego na pele, mas a maior cicatriz que guardo está no meu peito, e essa não tem cura.”

Ao sair da cadeia arrumou um novo trabalho e uma nova parceira, mas o vício permanecia e todo quinto dia útil o saciava usando crack. Por algum tempo Jana disfarçou as reações causadas pelo crack, mas as alucinações e o comportamento agressivo de antes retornaram e mais um abandono foi concretizado para sua lista de traumas.

Há dois meses descobriu a tuberculose em seu corpo e não está fazendo tratamento, Janaina afirma não ter motivo algum para viver. Mesmo com os pedidos de sua família para retornar a sua casa, ela prefere estar na rua. “Pra quê casa?”





O SONHO DA LIBERDADE

por Fernanda Lupion



A tranquilidade proporcionada pela sombra da figueira localizada ao lado do Centro de Uso Múltiplo em Presidente Prudente, reflete o que é hoje a vida de Andressa Soares Dias de 30 anos. A cearense está em situação de rua há seis meses e utiliza o espaço debaixo da árvore como local para descanso.

A vida longe de casa proporcionou a liberdade de expressar para todos o que Andressa sentia desde criança. “Desde pequeno mesmo já vinha um instinto né. Eu sempre brincava com as meninas, brincava de boneca. A minha mãe brigava né. Ai eu fui crescendo, crescendo como um menino.”

A aceitação da família, principalmente da tia, foi o motivo pelo qual Andressa saiu de casa. “A minha tia não gostava de mim, aí a minha mãe morava com ela e morava tudo junto, praticamente duas famílias. Ai quando eu comecei a trabalhar na fábrica eu saí de casa.”

A figura materna era a maior barreira para se declarar transexual. “Por isso que quando eu entrei na fábrica da minha cidade, decidi sair de casa para poder deixar o cabelo crescer, porque assim, a minha mãe que me criou, que até já faleceu, não podia me ver daquele jeito. Quando eu ia visitar ela eu vestia uma blusa de homem.” Ao sair de casa, Andressa tentou morar com alguns amigos, mas não teve o resultado esperado. O espírito aventureiro e a vontade de buscar novas oportunidades tiveram como destino a cidade de Brasília.

Durante quatro anos, a vida de Andressa solitária. “Eu morei em Brasília, gostei de lá. Tinha como me manter, eu morava onde o aluguel era mais em conta.” O trabalho escolhido por Andressa gerou o dinheiro que ela precisava, mas não a felicidade que ela buscava. Todos os anos em Brasília foram sustentados por apenas uma profissão: garota de programa “Eu achava que a vida de programa ficaria mais fácil para conseguir dinheiro.”

A escolha de deixar a profissão surgiu ao conhecer o atual namorado. Juntos eles foram para Presidente Venceslau onde possuíam moradia própria, mas sem dinheiro acabou morando nas ruas. Antes de chegarem à cidade de Presidente Prudente, o casal ficou em Marília. “Passei três meses em Marília, mas lá eu já tive um pouco de medo. Lá a gente dormia na rodoviária.” Apesar das dificuldades de aceitação e dos anos morando sozinha, Andressa não guarda mágoas da família e sempre que consegue mantém contato. O pensamento não é em voltar para a cidade natal, mas sim, voltar para Brasília. A cidade em que aprendeu a viver sozinha. A cidade dos sonhos de liberdade.



A PROSTITUIÇÃO DE UMA VIDA

por Fernanda Lupion



O riso fácil e o brilho no olhar escondem o passado impiedoso que deixou marcas na vida e no corpo de Kellen Benedita Rodrigues dos Santos, de 37 anos. A moradora de rua, hoje em processo de reabilitação, vendeu o próprio corpo para sustentar o vício das drogas durante nove anos. A situação era extrema, ela conta que chegou a pesar 30kg.

O uso de drogas foi a porta de entrada para o “passado sombrio”, como ela define. A maconha chegou primeiro, ainda na adolescência. “ Eu comecei a usar drogas com 14 anos, como meus pais eram separados, eu e meus irmãos vivíamos com meu pai no Mato Grosso, aí comecei a fumar maconha. “

A bebida e a cocaína começaram a fazer parte da rotina aos 18 anos de idade e aos 25 o crack entrou em sua vida. “Eu era dependente fortíssima de crack, eu usava 24 horas por dia. Me prostituía para conseguir comprar droga, dormia em casas abandonadas. Sofri muito, já fui presa, eu era briguenta, batia em todo mundo. Se eu pedisse R\$2,00 para você e você não me desse eu te xingava no meio da rua. Eu era terrível. “

A prostituição foi a maneira mais fácil para ganhar dinheiro nos anos em que viveu nas ruas. O trabalho rendia dinheiro e o medo diário, porém as ameaças contra a vida eram constantes. As lágrimas caem fácil quando lembra dessa época. “Quando eu me prostituía, tinha vezes que homem ameaçava de me matar. Sempre escapei por pouco, isso marca muito. “

No período em que se prostituiu, a moradora de rua teve sete filhos, todos de pais diferentes. Apenas duas permanecem com ela, os outros cinco foram perdidos para a adoção devido a situação deplorável em que ela estava. “Eu era muito drogada, não tinha como eu ficar com a criança. “

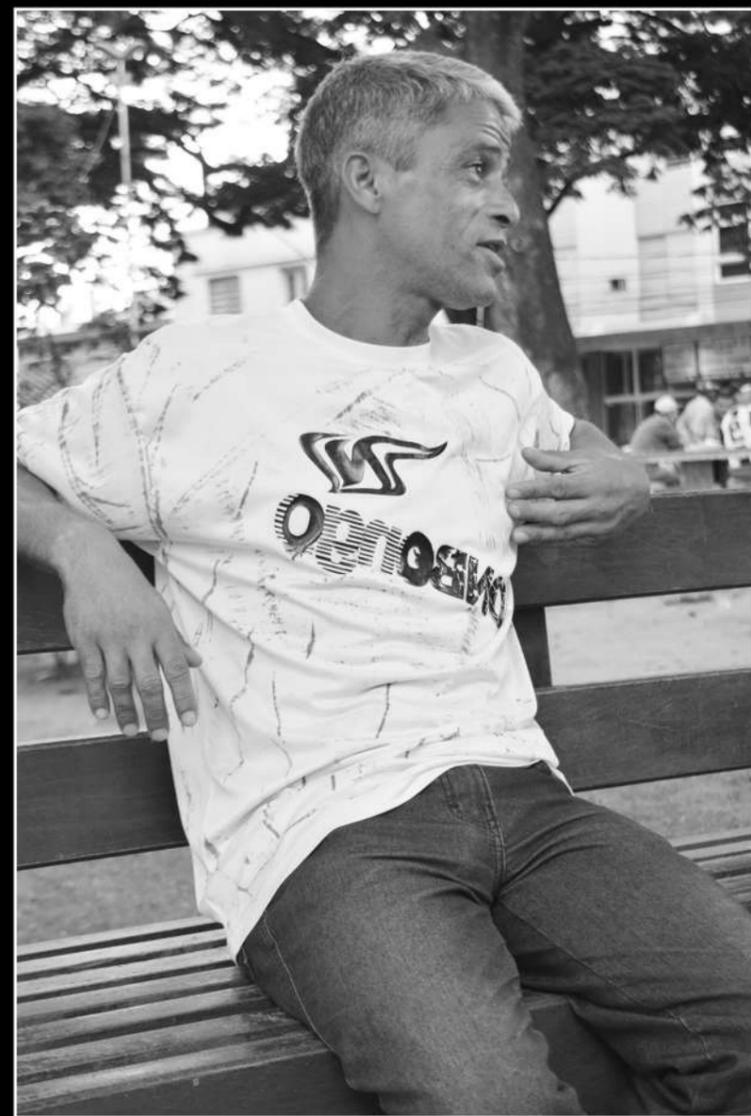
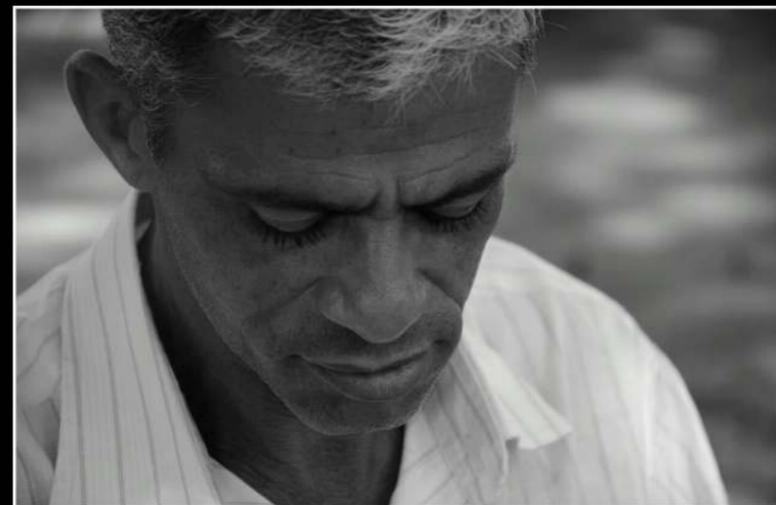
O limite para a situação aconteceu em 2014. Ela conta que não aguentava mais as condições de vida em que estava. “Eu sentia que ia morrer. “ A vontade de sair das ruas fez com que Kellen procurasse ajuda no CREASPOP. O tratamento teve início e a moradia foi concedida no Serviço de Acolhimento para Pessoas em Situação de Rua de Presidente Prudente. “ Desde que eu ajoelhei eu pedi forças para Deus, nunca mais usei drogas, nem cigarro eu fumo faz três anos. “

Para o futuro, a esperança de Kellen é terminar os estudos e poder reencontrar os filhos que perdeu para a adoção. O mundo das drogas e prostituição não está mais nos planos. “Eu amo ser sóbria, amo ser caretona.



OVELHA NEGRA

por Camila Rocha



Sozinho, Milton caminha pela Praça Monsenhor Sarrion em que fica a Catedral São Sebastião de Presidente Prudente, a passos lentos, quase que amarrados ao chão. O relógio do pulso está parado, assim como sua vida.

Há 42 anos ele foi entregue pelos pais a outra família e desde então permanece preso a uma dúvida do passado. “Sou de Assis, nasci lá e fui criado, desde recém-nascido, com uma família em Bauru. Às vezes minha mãe biológica vinha me visitar, por lá eu estudei, mas abandonei a escola na quarta série. Eu sou uma ovelha negra da família.”

Ele nunca entendeu o motivo do abandono, já que seus pais criaram todos os demais filhos. A angústia causada pela dúvida fez com que enxergasse nas drogas a figura materna e nas ruas o seu lar. “Tenho sempre que procurar um lugar para deitar, dormir, encostar a cabeça, a insegurança parece interromper o sono”. Ao anoitecer, Milton é tomado pela solidão e medo, que mal deixam seu corpo descansar, mas ainda assim ele prefere ficar sozinho.

Mesmo que a nova casa não tivesse paredes, teto ou sequer janelas, foi nela que encontrou a liberdade para exteriorizar sua carência afetiva. Nas ruas, ele passou a roubar, vender drogas e outros feitos indesejáveis que preferiu não comentar. Como consequência ficou mais de 15 anos na cadeia e ainda responde por um dos crimes que cometeu, em liberdade. Seus antecedentes criminais dificultam a busca por um novo emprego na cidade de Presidente Prudente, onde vive há cinco anos. “Já morei em Bauru, Curitiba, Campinas e em vários outros lugares tentando a vida.”

Para se desprender do passado, o morador de rua não quer mais viver de metades: a frustração de ser doado pelos pais, um casamento de 13 anos fracassado e o laço com o filho gerado nesse relacionamento rompido, são os principais motivos para Milton Marcelo Varela de Oliveira buscar um recomeço.

Há seis meses está longe das drogas e agarra-se ao seu passatempo favorito, a leitura, e aos finais de semana visita igrejas a fim de realizar trabalhos voluntários que possam abrir portas para um novo emprego. Para manter a boa aparência, ele frequenta diariamente o CREAS (Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua), onde faz sua higiene pessoal e se alimenta para enfrentar um novo dia, na expectativa de mudar o roteiro da sua história.



O VIAJANTE SONHADOR

por Andrey Franco



Sentado no desbotado banco verde de madeira, rodeado por árvores de mais de cinco metros de altura que dão um aspecto sereno e escuro ao local, o skatista Thiago Diego Vieira abraça sua esposa Luana Oliveira, que sorri e encara de forma apaixonada aqueles olhos que já conheceram boa parte da geografia brasileira.

Seja no litoral do Guarujá (SP), nos cânions de Ponta Grossa (PR) ou no rio de Porto Rico (PR), o aço galvanizado quase sempre esteve preso entre os únicos dois dedos da mão direita, que se entrelaçavam com as contorções feitas pela mão esquerda. Sendo assim, um esforço nascido da imperfeição misturado com o metal que ganhou forma se transformando em arte, sustentando os dias que Thiago passava na rua.

A jornada do jovem começou aos 24 anos, quando desistiu do emprego no qual sofria preconceito por sua deficiência. A tristeza o levou ao seu recanto de paz, a pista de skate. No alto do half observava a vista e pensava na vida, na liberdade, nos locais que queria conhecer, nas comidas que queria comer.

Os amigos hippies estavam ao seu redor, tudo o que Thiago precisava no momento. Então, veio o convite inesperado de conhecer o Brasil, viajar pela pátria amada apenas com os trocados da arte artesanal.

O jovem viu ali a tão sonhada chance de liberdade. O único empecilho estava no seu corpo, em seu braço direito para ser mais exato. “Eu sempre quis aprender, mas acho que não vou conseguir por causa da minha deficiência, eu nasci com essa deformidade que encurtou meu braço. Como eu vou segurar esse negócio?”. Disse o sonhador.

Mas o rapaz seguiu em frente. Thiago saiu da casa da mãe sem avisar e partiu rumo a Assis, lá começou a aprender artesanato com seus amigos hippies e a criar gosto pela maconha.

Saindo de Assis e já dormindo nas ruas, conheceu o litoral paulista, o melhor lugar do mundo para trabalhar, segundo o jovem. Thiago vivia naquele momento o sonho de um viajante que encontrou nas ruas e no trabalho a tranquilidade. Além dessa paz de espírito, o recém artesão começou a conhecer outras formas de aluminação.

Viajou de norte a sul. “Na verdade, o artesão tem uma coisa única, ele carrega na mente que não precisa de esmola. Então nós vamos

trabalhando e ganhando de acordo com quanto o cliente quiser pagar. Foi assim que eu fui me locomovendo pelo país.”

Mas a liberdade de Thiago começou a se atrelar com a prisão voltada às drogas. Em cada local novo que visitava, mais fundo conhecia o poder do crack. Chegou o momento que o trabalho servia apenas para o vício e para as viagens.

Mas isso não foi o suficiente para despertar a consciência do artesão. “É o que eu falo, tem a pessoa que quer viver na rua e a outra que não tem opção. No meu caso eu queria, sempre tive para onde voltar, mas fui me afundando nas drogas e não tive vontade de sair.”

Se não bastasse o péssimo estado em que estava, Thiago viu um de seus amigos hippies sucumbir pelas drogas. Morto em um caso que não se sabe ao certo se foi overdose ou problema com traficantes.

Já havia dois anos que estava naquela situação que no começo era uma aventura, e agora uma forma inconsequente de vida.

As viagens continuavam, o vício aumentava e o trabalho se aprimorava. A sagacidade já o deixava alerta dos fiscais do governo que tentavam barrar a sua arte por falta de registro, além das autoridades que procuravam por drogas em seus refúgios na rua.

Thiago ainda via uma fagulha de esperança naquilo que estava fazendo. “Às vezes você trabalha a vida inteira e não conhece um cânion, um litoral”. Mas já era a hora de parar.

O jovem ficou sabendo por meio de um dos amigos que sua mãe estava doente e isso despertou nele um instinto familiar de proteção. Era hora de voltar e cuidar da família enquanto o tempo permitia.

Thiago voltou e começou a cuidar de sua mãe. Arrumou um emprego mais simples, sem deixar o artesanato e o velho skate de lado. No emprego conheceu Luana, o amor que o fez esquecer aquele vício.

Hoje o skatista, artesão, viajante e sonhador divide seu tempo no simples trabalho, na pista e na produção de arte. Sua esposa o acompanha em cada nova jornada que propõe. Thiago não abandonou por completo as ruas, ainda vê nela a resposta para a liberdade. Volta para a estrada para refletir e reviver seu passado, mas dessa vez com seu grande amor do lado e com a certeza que o lar o aguarda na volta.



AONDE SE ENCONTRA A CURA?

por Amanda Rocha



Sorriso tímido, olhar distante e voz extremamente baixa. é com esse jeito vergonhoso que Adão Vilella ensina a não desistir jamais. Pai de seis filhos e avô de 15 netos, divorciado e ex-morador de rua. Mas, para chegar nessa fase, muita água passou por baixo dessa ponte.

Com noites frias e chuvosas o álcool aquecia seu corpo, mas não o livrava do remorço. “Eu sempre bebi, mas passei a beber mais depois do casamento e sempre dei trabalho.”

Por 24 anos, Adão esteve casado e recebeu ajuda de sua esposa, ate que seus filhos decidiram que seria melhor tirar o pai de casa. Sem ter para onde ir, o homem que morava em Nantes passou a percorrer diversas cidades no estado de São Paulo e Minas Gerais.

Quando chegou à Prudente, a pinga mais uma vez era a válvula de escape para fugir da realidade. “As mais baratas eram as mais fortes.” Mas foi nessa cidade que Adão foi resgatado. Totalmente desacordado e há algumas semanas sem tomar banho, a equipe do CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistências Sociais) o encontrou.

Sem entender quem eram aquelas pessoas que o ajudavam, Adão passou a utilizar os serviços do CREAS. Durante alguns dias frequentes foi bem alimentado, vivia com roupas limpas e de banho tomado. Assim, a bebida parecia já não ser necessária. Adão recebeu a proposta de passar alguns dias no Serviço de Acolhimento. Lá, além das refeições e banheiro particular, o homem que viveu por seis anos na rua, ganhou um quarto.

Diferente de outros moradores de rua, que por muitas vezes preferem as sarjetas à ajuda dos serviços governamentais, Adão abraçou a causa e foi internado para reabilitação. O procedimento que deveria ser nove meses durou apenas dois graças ao rápido recuperação de Adão.

Hoje limpo das bebidas e longe das ruas, o senhorzinho vive em uma casa cedida por uma associação da cidade e em troca ajuda as pessoas que utilizam o local. O homem que um dia viveu sujo nas ruas hoje se recompôs, ajuda a lavar, passar e até se arrisca na cozinha.

O caminho para Adão foi longo, mas pronto para receber ajuda de quem estava disposto a ajudar, ele pôde voltar a sorrir e sonhar. O homem pensa que a rua foi um mal necessário para que pudesse aproveitar o que a vida lhe proporciona hoje.

